

ROTEIRO DA EXPOSIÇÃO

MUSEU DA REGIÃO FLAVIENSE

Da Idade dos Metais à Romanização

Roteiro
3ª Edição

Chaves 2005

MUSEU DA REGIÃO FLAVIENSE

Guia Intuitivo - Legendagem

PRÉ-ROMANIZAÇÃO

ROMANIZAÇÃO

INFORMAÇÃO

GLOSSÁRIO

Ficha Técnica

Coordenação

Armando Coelho F. Silva - Rui M. S. Centeno

Projecto

ETNOS - Património e Turismo Cultural, Lda.

Armando Coelho F. Silva

Manuel Furtado Mendonça

Rui M. S. Centeno

Musealização e Roteiro

Textos

António Manuel. Alves Ramos

Armando Coelho F. Silva

Rui M. S. Centeno

Musealização

Alice Semedo (coordenação)

André Gaspar

João Paulo Barbosa

Manuel Furtado Mendonça

Paulo Lopes

Concepção Gráfica e Design

Jorge M. P. Leite (Museu da Região Flaviense)

Conservação e Restauro

António Baptista Lopes

Isaura Reis de Sousa

Paula Menino Homem

Execução

ETNOS - Património e Turismo Cultural, Lda.

Edição do Roteiro

©Edições ETNOS®, 1997; reedições 1999, 2002

Depósito Legal

ISBN 972-96935-2-8

O Museu da Região Flaviense é espaço e tempo da memória do nosso povo.

Espaço modernizado e aberto a todos (naturais, residentes ou visitantes), tempo de história vivida no registo de etapas fundamentais do seu percurso.

Convivendo com o passado, o presente ganha mais sentido e o futuro mais consistência.

É nossa intenção continuar, de forma pedagogicamente adequada, a partilhar com quem queira este fabuloso repositório de cultura local e regional que é o Museu da Região Flaviense.

Dr. João Batista

(Presidente da Câmara Municipal de Chaves)



Edifício Paço do Duque de Bragança
Sede do Museu da Região Flaviense

ROTEIRO DA EXPOSIÇÃO

MUSEU DA REGIÃO FLAVIENSE

A região de Chaves é o resultado da continuidade de um percurso milenar de ocupação humana. Como palco da história, inúmeros vestígios nos foram legados. Para perpetuar essa memória, torna-se imperioso a existência de um museu. Foi sentida essa necessidade há muitas décadas por homens que nutriram pelas questões culturais uma verdadeira paixão. É que num manancial de vestígios históricos, o museu assume o seu natural papel de foco irradiador de várias actividades relativas à conservação e exposição do património da região, afirma e atesta a identidade cultural local e recria os valores da memória colectiva da comunidade flaviense.

O EDIFÍCIO

O Museu da Região Flaviense situa-se no antigo paço dos Duques de Bragança, na Praça de Camões.

É um edifício muito sóbrio, decorativo e tipologicamente constituído por dois pisos. No seu interior estão instalados o Museu da Região Flaviense e a Biblioteca Municipal.

Originariamente construído para albergue de D. Afonso, 1º Duque de Bragança, no século XV, este paço estava encostado à torre medieval, da qual era continuação.

Quando a torre de menagem se tornou obsoleta, o edifício anexo passou a assumir o seu papel, sendo ampliado e melhorado. Há notícia de que no início do século XVIII se transformou em quartelamento militar, passando a albergar a guarda principal da praça-forte. Teve esta função até meados do século XX, altura em que o edifício era ocupado pelo Batalhão de Caçadores de Chaves. É já dos nossos dias o aproveitamento deste edifício para pólo cultural do Município.

O actual espaço museológico neste edifício é composto pela sala principal onde está exposta a colecção permanente, por uma sala de exposição de pintura dedicada ao Mestre Nadir Afonso, pelos gabinetes administrativos e de trabalho e por uma sala de trabalhos arqueológicos.

O MUSEU

D. Afonso, homem culto, amante das artes e das letras, muito viajado, diz-se que possuía uma das melhores bibliotecas do seu tempo e fundou até um museu. Como que por ironia do destino, o lugar onde esta personagem da nossa história e da nossa cultura viveu parte da sua vida, alberga agora duas instituições culturais, O Museu e a Biblioteca Municipal.

O processo de criação do museu de Chaves não tem sido um caminho fácil de percorrer. Chaves e o seu termo, terra por onde passaram monarcas e imperadores, palco de episódios históricos, sempre se caracterizou pelas riquezas culturais traduzidas nos numerosos vestígios que os ancestrais foram legando. As gravuras rupestres, os castros, as aras, as estelas, os marcos miliários e tantos outros monumentos atestam bem a autenticidade de uma região fértil em arqueologia e outros valores históricos. Não olvidamos que Chaves foi berço da impressão dos dois primeiros incunábulo em língua portuguesa.

Envolvida neste manancial de cultura, a região flaviense, mais tarde ou mais cedo teria que corporizar em projecto toda esta riqueza. Esse momento iniciou-se em 1929. Nesse ano, em Março, Chaves passou de vila a cidade, um estatuto que encheu de orgulho todos os flavienses. A Comissão Administrativa da Câmara Municipal presidida pelo Reitor do Liceu, dr Carlos Alberto Lopes Moreira, deliberou, na sessão ordinária de 18 de Maio, criar e eleger a Comissão Instaladora do Museu da Região Flaviense composta por distintas personalidades ligadas à cultura flaviense. Constituíram esta comissão, o dr Francisco de Barros, dr Adalberto Teixeira, dr António Júlio Gomes, dr Constantino Torres Vouga, padre António Cerimónias e o padre Manuel Pita.

Dois objectivos imediatos nortearam a acção deste grupo de trabalhos: constituição do acervo documental e encontrar o local apropriado para a sede do futuro museu. Desde logo a acção da comissão se mostrou com dinamismo eficaz, recolhendo vários objectos arqueológicos e promovendo colóquios e conferências, com a firme convicção da promoção do museu na comunidade flaviense. Por Chaves passaram alguns doutos conferencistas destacando-se o Abade Baçal, em 1930 e Luíz Chaves, em 1931.

Faltava, de facto, um espaço para o museu. Aqui, a comissão debateu-se com dificuldades sucessivas para conseguir um lugar carismático, embora se apontasse desde início como o mais apropriado a antiga igreja do Convento das Freiras. Esse espaço acabou por ser conseguido e em 19 de junho de 1930 fez-se a arrematação da obra de pedreiro e posteriormente a de carpinteiro para a conveniente adaptação a museu e biblioteca. Obras feitas, o museu foi instalado para logo de seguida ter ameaça de despejo para aí ser instalada a Estação de Correios, posição que entretanto foi abandonada em 1933.

Apesar do museu estar aberto apenas Quintas-feiras e Domingos, a população foi aderindo ao projecto, criando-se, em Outubro de 1937 a Associação dos Amigos do Museu Regional de Chaves, e a Comissão Municipal de Arte e Arqueologia, em Fevereiro de 1938.

Em 1943 o museu acabou por ser sacrificado, pois a Câmara Municipal deliberou no sentido da mudança de instalações do liceu, do largo do Anjo para o antigo Convento das Freiras. O edifício onde estava instalado o museu foi demolido, dando lugar à construção de uma ala do novo liceu. Também se decide recriar o museu e proceder ao estudo para a sua instalação no edifício do largo do Anjo, uma casa senhorial a qual integrava a Capela de Santa Catarina. Depois de algumas obras de adaptação a transferência só se concretizou em 1945. De permeio, as peças arqueológicas ainda existentes estiveram guardadas num quintal situado em frente à capela de Santa Catarina, pertença do dr Júlio Gomes, nomeado em 1946 director do museu, já que em 1941 tinha sido exonerado, por motivos de saúde, o dr Francisco de Barros. O espírito empreendedor do dr Júlio Gomes marcou positivamente este projecto cultural, cuja acção meritória foi a de recolher um espólio interessante que estimulou ainda mais a necessidade da valorização de um autêntico museu.

ROTEIRO DA EXPOSIÇÃO

Apesar das contrariedades provocadas pela indefinição de um local condigno para a sua instalação, Chaves continuou a contar com tenazes lutadores pelas causas culturais. As décadas de 50 e 60 continuaram a defesa desses nobres ideais, pela acção, sobretudo de dois homens, o padre Adolfo de Magalhães e o dr Francisco Carneiro. No afincio de exaltar os valores arqueológicos da região e de os reunir num espaço próprio, muito se escreveu e proclamou apelando aos apaixonados pelo estudo e recolha de objectos arqueológico - históricos e de arte. Simultaneamente investivava-se à conveniência de oficializar o Museu Regional de Chaves. Foi também nesta altura que se começou a falar insistentemente no aproveitamento das antigas casas do Duque de Bragança para a definitiva instalação do museu, servindo de argumento base o facto de o edifício, com esta opção, voltar ao seu destino histórico, por ali ter existido a célebre biblioteca-museu do Duque de Bragança.

Tais reivindicações tiveram eco suficiente e porque entretanto o velho quartel de Infantaria se tornava exíguo em instalações para os fins militares, foi-lhe cedido o Forte de S. Francisco, ficando vago deste modo o edifício da Principal (actual Praça de Camões), ideal para a instalação do museu e biblioteca. Pretensão aceite.

Como sempre acontece com a mudança de funções, tal ocupação não poderia ser imediata, pois um edifício militar não reunia as condições necessárias a tais fins culturais, sem que se realizassem algumas obras de adaptação.

Estas obras tiveram o seu calendário prorrogado vezes sem conta e só um motivo forte as apressou. Em 1978 Chaves comemorou dezanove séculos como Município, acontecimento que teve a presença do Presidente da República, o General Ramalho Eanes. Ponto forte da sua visita, a inauguração do Museu Militar, na Torre de Menagem e as instalações da Biblioteca Municipal, bem como das novas secções do Museu da Região Flaviense, no edifício dos Paços do Duque de Bragança.

ROTEIRO DA EXPOSIÇÃO

Finalmente foi encontrado um edifício condigno para albergar as duas instituições de cultura. Para complementar este longo processo faltava a sua adaptação às novas funções biblioteconómicas e museológicas. As peças arqueológicas foram aumentando em número durante anos pela acção de grupos de personalidades flavienses fiéis seguidoras dos ideais dos seus antecessores como são exemplos, entre muitos outros, o dr Mário Carneiro e os vereadores de então, senhor João Baptista Martins e senhor Firmino Aires. Esse espólio acumulado, muitas vezes com os dissabores da resistência dos menos esclarecidos pelas causas culturais, possuidor de um alto valor histórico, carecendo, no entanto, de um autêntico discurso museológico. O mesmo foi acontecendo à biblioteca. As modernas e crescentes exigências dos seus utilizadores não se compadeciam com as exíguas instalações e com a escassez do espólio, razão que motivou o executivo presidido pelo dr. Alexandre Chaves a dotar a cidade de um equipamento mais amplo e funcional, processo terminado em 1993 com a presença do então Presidente da República dr. Mário Soares. Findo este processo o mesmo executivo decidiu também dar um outro curso ao museu. Nesse mesmo ano iniciou-se um novo ciclo com a criação de uma Comissão de Reformulação do Museu da Região Flaviense constituída por especialistas em vários domínios da história, arqueologia e museologia. Esta comissão apresentou um estudo prévio que foi passado à prática, surgindo um novo museu, pela acção dos Profs. Drs. Armando Coelho Ferreira da Silva e Rui Sobral Centeno, que com o arquitecto Manuel Furtado Mendonça são os autores do projecto museológico.

Com este processo Chaves orgulha-se de poder mostrar ao mundo e especialmente à região um moderno e funcional museu enriquecido com um monumental e ímpar suporte epigráfico e artístico, honrando e homenageando a riqueza cultural de Chaves e todos aqueles que lutaram e lutam para que este rincão continue como uma terra de cultura. Hoje imprimimos o mesmo sentimento de carinho às instituições culturais como se de uma coisa nossa se tratasse. É assim que nos sentimos bem para que orgulhosos possamos receber todos aqueles que nos visitam. Com mais este passo estão criadas as condições para que o museu cresça no sentido de um Ecomuseu.

*António Manuel Alves Ramos
Director do Departamento Sócio-cultural
da Câmara Municipal de Chaves*

CARACTERIZAÇÃO DO MUSEU

O Museu da Região Flaviense foi criado pelo Decreto.8410, de 8 de Outubro de 1922, financiado pela Câmara Municipal de Chaves, sendo a natureza das suas colecções essencialmente arqueológicas.

O Museu resultou da recolha de peças, efectuada durante dezenas de anos, por devotos arqueólogos amadores, da região.

Dele fazem parte muitas peças oferecidas por filantropos e beneméritos.

O seu espólio contempla também peças recolhidas em trabalhos arqueológicos levados a cabo na região flaviense, que testemunham a passagem por estas terras de iberos, romanos, suevos e árabes. Merecem especial destaque as várias aras romanas, votivas, incluídas na secção de epigrafia. Também destacam o Padrão dos Povos e uma vasta gama de material lítico e de cerâmica pré-romana. Uma das peças mais curiosas é a "estátua de Faiões", representando uma figura humana, sem braços, podendo ser um símbolo pré-histórico ou, talvez, apenas um menir.

Este museu consagra ainda um sector à arte moderna, onde está exposta, maioritariamente, pintura de artistas locais. Neste sector, merece especial atenção a sala Nadir Afonso, onde se encontram vários quadros deste mestre da pintura contemporânea nacional, natural de Chaves.

DISCURSO EXPOSITIVO

- 1 - METALURGIA PRÉ - ROMANA
- 2 - ESTÁTUAS-ESTELA DA IDADE DO BRONZE
- 3 - PRÉ - HISTÓRIA RECENTE
- 4 - DA PRÉ - HISTÓRIA RECENTE À PROTO - HISTÓRIA
- 5 - PADRÃO DOS POVOS
- 6 - AQVAE FLAVIAE, CIDADE E TERRITÓRIO
- 7 - EPIGRAFIA VOTIVA, HONORÍFICA E FUNERÁRIA
- 8 - MARCOS MILIÁRIOS E DE DIVISÃO TERRITORIAL
- 9 - O FIM DO DOMÍNIO ROMANO SEGUNDO IDÁCIO
- 10 - COLUNA ROMANA

1. METALURGIA PRÉ-ROMANA

Uma série de armas, instrumentos e objectos de adorno documentam a evolução da tecnologia metalúrgica do cobre, bronze e ouro no decurso da Idade dos Metais, desde o Calcolítico à Idade do Ferro. Merecem particular atenção as peças de ouro que, somadas aos achados da região flaviense dispersos pelo Museu Nacional de Arqueologia, Museu Martins Sarmiento e British Museum, sublinham a riqueza aurífera deste distrito mineiro.

- 1.1. Ponta de lança de cobre arsenical tipo Palmela.
Calcolítico/ Bronze Inicial.
Castro de S. Lourenço
- 1.2/3. Punhais de lingueta de cobre arsenical. Bronze Inicial
Castro de S. Lourenço
- 1.4. Punhal de rebite de cobre arsenical. Bronze Inicial
Castro de S. Lourenço
- 1.5. Machado plano de cobre arsenical. Bronze Inicial
Fraga da Pitorca, Santo António de Monforte, 1990
- 1.6. Anel espiralado de ouro. Bronze Inicial
Fraga da Pitorca, Santo António de Monforte, 1990
- 1.7/8./9. Machados de talão em bronze. Bronze Final
Castro de S. Lourenço; Região de Chaves (2 ex.)
- 1.10. Machado de alvado em bronze. Bronze Final
Região de Chaves
- 1.11. Espada curta em bronze. Bronze Final
Castro de Nogueira, Santiago de Lagarelhos
- 1.12. Lâmina de pequeno punhal em bronze. Bronze Final
Pastoria, 1980
- 1.13. Argolas de fio de ouro de provável pescocera. Bronze Final
Forte de S. Francisco, Alto da Pedisqueira, Chaves (11.07.1944)
- 1.14. Aro de ouro em larga fita com decoração de puas. Bronze Final
Forte de S. Francisco, Alto da Pedisqueira, Chaves (08.07.1944)
- 1.15/16. Fíbulas de bronze, tipo transmontano. II Idade do Ferro
Região de Chaves

2. ESTÁTUAS-ESTELA DA IDADE DO BRONZE

Peças escultóricas da Idade do Bronze que se resumem a um esquematismo iconográfico com representação de ornamentos e armamento definidores de prestígio e poder. A sua presença junto de vias poderá atestar a pervivência da rede de caminhos pré-romanos, com integração dos elementos sinalizadores dos territórios indígenas, que estes monumentos teriam a seu cargo tutelar religiosamente.

- 2.1. Estátua-estela de granito. Representação antropomórfica com vestuário em estola, armada de punhal e decorada com colar.

Faiões, Chaves, 1975

- 2.2. Estátua-menir de granito. Representação antropomórfica de aspecto fálico e com armamento nas faces laterais.

Chaves. Dragagem do rio Tâmega junto à ponte romana, Agosto de 1980.



3. PRÉ-HISTÓRIA RECENTE

Os primeiros sítios arqueológicos documentados na região flaviense datam do começo da Idade dos Metais, período em que as comunidades indígenas iniciam a produção de objectos de cobre ao mesmo tempo que continuam a fabricar artefactos de pedra, por isso designado de Calcolítico. Destacam-se os povoados da Vinha da Soutilha, em Mairos, Pastoria e São Lourenço, onde foram realizadas escavações arqueológicas recentemente.

Assiste-se então ao desenvolvimento da economia baseada na agricultura e na criação de gado e à introdução das primeiras formas de metalurgia. Estas acentuam a divisão social do trabalho, a acumulação de riqueza e o incremento de formas de intercâmbio. É o emergir de um novo modo de produção conformador das sociedades estratificadas e proto-estatais da Idade do Bronze.

3.1. Indústria Lítica

- 3.1.1. Machados, goivas e enxós polidos, de quartzo e anfibolito
S. Lourenço MRF 387; S. Lourenço MRF 392; Chaves MRF 409; S. Lourenço MRF 386; Valpaços MRF 410; Chaves MRF 482; Chaves MRF 395; Nogueira da montanha MRF 397; S. Lourenço MRF 397; Outeiro Jusão MRF 379; S. Lourenço MRF 406; Outeiro Seco MRF 377; Pastoria MRF 384; Eiras MRF 382; Chaves MRF 398; S. Lourenço MRF 388; Nogueira da Montanha MRF 399; Chaves MRF 402; Chaves MRF 408

PRÉ - ROMANIZAÇÃO

- 3.1.2. Percutores e matriz de sílex
Chaves MRF 492; Chaves MRF 487; Chaves MRF 430.
- 3.1.3. Pontas de seta de base plana, côncava e triangular de sílex, corneana e xisto.
Pastoria SOJ 61; Mairós SOJ 90; Pastoria SOJ 51; Pastoria SOJ 62; Mairós SOJ 130; S. Lourenço SOJ 12; Pastoria SOJ 63; Chaves MRF 496; Castelo de Eiras MRF 452.
- 3.1.4. Lâminas, lamela, furador, raspadores e raspadeiras de quartzo hialino, sílex e xisto.
Pastoria SOJ 56; Mairós 85? S.III, As/28; Valdanta MRF 373; S. Lourenço SOJ 39; S. Lourenço SOJ 43; Pastoria SOJ 14; S. Lourenço SOJ 41; Pastoria SOJ 8.

3.2. Cerâmica

Vasos reconstituídos e fragmentos com decoração incisa, nomeadamente, de tipo Penha

- | | | |
|---------|--|-----------|
| 3.2.1. | Mairós 82, Nível III, Sector A (c.3) | SOJ 23P |
| 3.2.2. | Mairós 82, Nível III, Sector A (c.3) | SOJ 4 |
| 3.2.3. | Pastoria | SOJ 75 |
| 3.2.4. | Mairós 83, Nível III, Sector A (c.3) | SOJ 14P |
| 3.2.5. | Mairós 82, Nível II, Sector A (c.4) | SOJ 44 |
| 3.2.6. | Pastoria | SOJ 18 |
| 3.2.7. | Mairós 82, B 3 (c.3) | |
| 3.2.8. | Pastoria | SOJ 18b |
| 3.2.9. | S. Lourenço 84, S. II, C'2 (c.2 sob pedra) | SOJ 5 |
| 3.2.10. | Mairós 82, N.3, °2B (sob pedra) | |
| 3.2.11. | S. Lourenço 84 | SOJ 21 |
| 3.2.12. | S. Lourenço 84 | SOJ 22/27 |
| 3.2.13. | Pastoria 83 | SOJ 149 |
| 3.2.14. | S. Lourenço 84 | SOJ 24 |
| 3.2.15. | Pastoria 83, L.3, N10' (c.3) | SOJ 103 |
| 3.2.16. | S. Lourenço 84 | SOJ 4 |
| 3.2.17. | Mairós 83, Nível II, Sector A (c.2) | SOJ 183 |
| 3.2.18. | S. Lourenço 84 | |
| 3.2.19. | Mairós 84, Nível I, Sector C (c.6 / 7) | SOJ 329 |
| 3.2.20. | Mairós 82, Nível III, Sector A (c.3) | SOJ 3'P |
| 3.2.21. | S. Lourenço 84 | SOJ 20 |



Aro de Ouro em Larga Fita
com Decoração de Puaas

PRÉ - ROMANIZAÇÃO

3.3. Adornos

Contas de colar cilíndricas, discóides e esféricas em xisto, variscite, talco e cerâmica *Pastoria SOJ 86; Pastoria SOJ 92; Pastoria SOJ 91; Mairos SOJ 192; Mairos SOJ 191; Pastoria SOJ 93*

3.4. Elementos de fiação e tecelagem

3.4.1. Cossoiro e pesos de tear

Pastoria SOJ 76; Pastoria SOJ 33; Pastoria SOJ 11

4. DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE À PROTO-HISTÓRIA

O inventário de cerca de um milhar de estações arqueológicas castrejas representa um valioso indicador da densidade demográfica e da ocupação sistemática do território na época proto-histórica, assinalando um aumento expressivo em relação aos povoados da pré-história recente. Entre os numerosos povoados fortificados reconhecidos na região flaviense, caberá destacar o de Outeiro Lezenho, de onde procedem duas majestosas estátuas de guerreiros, e os castros de Carvalhelhos, Curalha e Pastoria, onde foram realizadas escavações arqueológicas, como representativos dos padrões do povoamento durante a Idade do Ferro.

4.1. Mós de vaivém ou reboło. Calcolítico e Idade do Bronze
Muro da Pastoria, Vinha da Soutilha (Mairos), Castro de S. Lourenço

4.2. Mós giratórias. Idade do Ferro
Chaves, Castro de Argeriz (S. Vicente da Raia), Ardãos (Boticas)

5. PADRÃO DOS POVOS



TRANSCRIÇÃO

IMP CAES VE
 MAX TRIB POT
 IMP VESP CAES AV
 VIII IMP XIII CO
 G CALPETANO RA
 VALFESTO LEG A
 D CORNELIO MA
 L ARRVTIO MAX
 LEG ° VII GEM
 CIVITATES
 AQUIFLAVIENS
 BIBALI COEL
 INTERAMIC
 QVARQVE[R] NI TA

Leitura

Imp(eratori) Caes(ari) Ve[sp(asiano) Aug(usto) Pont(ifici)]
 Max(imo) Trib(unicia) Pot(estate) [X Imp(eratori) XX P(atri) P(atriciae) Co(n)s(uli) IX]
 Imp(eratori) Vesp(asiano) Caes(ari) Au[g(usti) f(ilio) Pon(ifici) Trib(unicia) Pot(estate)]
 VIII Imp(eratori) XIII Co(n)s[s(uli) VII]
 G(aio) Calpetano Ra[ntio Quirinali]
 Val(erio) Festo Leg(ato) A[ug(usti) Pr(o) Pr(aetore)]
 D(ecimo) Cornelio Ma[eciano Leg(ato) Aug(usti)]
 L(ucio) Arruntio Max[imo Proc(uratori) Aug(usti)]
 Leg(ioni) ° VII Gem(inae) [Fel(ici)]
 Civitates [X]
 Aquiflavien[ses Aobrigenses]
 Bibali Coel[erni Equaes]
 Interamic[i Limici Aebisoci]
 Quarque[r]ni Ta[magani]

Tradução

As dez cidades dos Aquiflavienses, Aobrigenses, Bibali, Coelerni, Equaes, Interamici, Limici, Aebisoci, Quarquerni e Tamagani (erigiram este monumento) ao Imperador Caesar Vespasianus Augustus, Pontífice Máximo, com o poder tribunício pela décima vez, aclamado imperador pela vigésima vez, Pai da Pátria e Cônsul pela nona vez, ao Imperador (Titus) Vespasianus Caesar, filho de Augustus, Pontífice, com o poder tribunício pela oitava vez, aclamado imperador pela décima vez (e ao Caesar Domitianus, filho de Augustus, Cônsul pela sexta vez ¼?), a Gaius Calpetanus Rantius Quirinalis Valerius Festus, legado propretor de Augustus, a Decimus Cornelius Maecianus, legado de Augustus, a Lucius Arruntius Maximus, procurador de Augustus e à Legio VII Gemina Felix.

Chaves. Aparecido em 27.08.1980, a montante e junto da ponte romana, no leito do rio Tâmega.

6 AQVAE FLAVIAE, CIDADE E TERRITÓRIO

No cruzamento do Rio Tâmega com a via XVII, que ligava Bracara Augusta (Braga) e Asturica Augusta (Astorga), desenvolveu-se um núcleo urbano que, no reinado de Vespasiano, foi elevado à categoria de município. A sua localização estratégica, a fertilidade da sua veiga, a riqueza aurífera e outros recursos, em especial, as águas termais, propiciaram esta promoção. Da fama das suas águas e da iniciativa de Vespasiano, primeiro imperador da dinastia flávia, houve nome Aqvae Flaviae.

Foram identificados com alguma segurança elementos do seu plano urbano, designadamente, o cardo, eixo principal Norte-Sul que corresponde à actual rua da Trindade, e o decumanus, com orientação Este-Oeste, passando pela actual rua Direita seguindo em direcção à ponte, cuja construção foi concluída no ano 104 durante o reinado de Trajano.

Na intersecção do cardo com o decumanus, na zona actualmente ocupada pela Igreja Matriz, localizava-se o fórum, a praça pública da cidade. Daqui procedem os principais vestígios arquitectónicos, epigráficos e arqueológicos que denunciam a monumentalidade do centro cívico.

6.1. Tesouros Monetários

6.1.1. Conjunto de 11 denários pertencentes a um tesouro que incluiria cerca de 300 moedas de prata da República Romana e do Imperador Augusto.

Encontrado em Santo Estêvão, em 1963.

6.1.2. Tesouro de 78 numismas de cobre, bronze e latão, composto por séries de asses, dupôndios e sestércios, presumivelmente ocultado em finais do século II.

Descoberto na área urbana de Chaves, ante 1929.

6.1.3. Tesouro monetário constituído por 212 antoninianos e denários dos imperadores Valeriano I a Caro, ocultado em data posterior ao ano de 283.

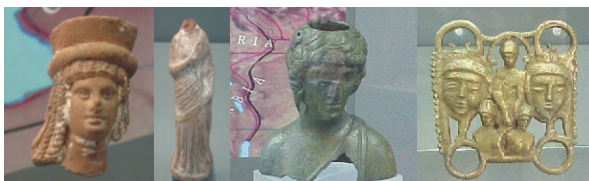
Descoberto na região de Chaves, ante 1929.

6.1.4. Lote de 60 moedas romanas pertencentes a um tesouro constituído por mais de 4000 numismas de bronze do séc. IV e inícios do séc. V.

Encontrado nas imediações do Santuário de S. Caetano (Couto de Ervededo), em Março de 1971.

6.2. Objectos de Adorno

- 6.2.1. Fíbulas tipo Aucissa, de prata e bronze
Castro de Carvalhelhos, Boticas
- 6.2.2. Fíbulas anulares de bronze, com aro interrompido em omega, Tipo Fowler B1
Castro de Carvalhelhos, Boticas, e Couto de Ervededo, Chaves (3-8)
- 6.2.3. Argolas de bronze
Castro de Carvalhelhos, Boticas
- 6.2.4. Alfinete de bronze
Castro de Carvalhelhos, Boticas
- 6.2.5. Anel de bronze, com mesa
- 6.2.6. Pedra de anel de vidro vulcânico, tipo obsidiana, com representação de Fortuna
Castro de Carvalhelhos, Boticas
- 6.2.7. Contas de bronze e de vidro branco, douradas, azul e cor de mel
Castro de Carvalhelhos, Boticas
- 6.3. Falera
Peça quadrada, de bronze, constituída por quatro argolas nos ângulos e com representação de cinco figuras.
Largo Ferreira Caetano, Chaves
- 6.4. Balsamário
Recipiente de bronze com representação de efebo
Largo de Pelourinho, Chaves
- 6.5. Estatuetas de terracota, tipo tanagrina
- 6.5.1. Figura feminina, de pé, com roupa ajustada ao corpo envolta num manto (himation) pregueado; sem cabeça (1)
- 6.5.2. Cabeça feminina, de aplique, adornada com alto pólos cilíndrico (2)
Chaves



ROMANIZAÇÃO



- 6.6.** Lucerna
Lucerna de bronze com dois rostra decorados com volutas. Reservatório (infundibulum), globular, com representação de rosto humano e asa, com orifício de alimentação (operculum) com ornamentação fitomórfica.
Largo do Pelourinho, Chaves
- 6.7.** Cerâmica comum
Dois púcaros, um, sem asa, de tradição castreja, e uma tijela de imitação da forma de sigillata Drag. 36
Chaves
- 6.8.** Escavação da rua Direita / Ladeira da Brecha
Amostra de espólio
- 6.8.1.** Fragmento de sigillata sudgálica e hispânica
- 6.8.2.** Fundo de ânfora tipo Dressel 8
- 6.8.3.** Fragmento de cerâmica pintada
- 6.8.4.** Fragmento de bordo de dolium
- 6.8.5.** Fragmento de taça gomada de vidro tipo Isings 3b
- 6.9.** Fiação e tecelagem
- 6.9.1/10.** Pesos de tear
Região de Chaves e Castro de Carvalhelhos (Boticas)
- 6.9.11/22.** Cossóiros
Região de Chaves e Castro de Carvalhelhos (Boticas)
- 6.10.** Materiais de Construção
- 6.10.1.** Capitel coríntio de mármore
Chaves

ROMANIZAÇÃO

6.10.2. Mosaico

Cinco fragmentos de mosaico policromo, com motivos geométricos e fitomórficos

Granjinha, Valdanta

6.10.3. Tegula e imbrex

Chaves

6.10.4. Canalizações

Hotel Trajano, Chaves

7. EPIGRAFIA VOTIVA, HONORÍFICA E FUNERÁRIA

A colecção epigráfica da região flaviense, emblemática deste museu, é das mais representativas de entre os conjuntos relacionados com centros urbanos do Mundo Romano. Composta por uma notável série de monumentos votivos, honoríficos, funerários e outros, de particular interesse para o estudo da vida pública e privada da comunidade aquiflaviense, sobressaem os contributos para a análise dos comportamentos de assimilação e resistência das populações indígenas face ao domínio romano. Excepcional, a identificação de Júpiter Ótimo e Máximo como patrono deste Município.

7.1. Aras votivas dedicadas a divindades romanas, indígenas e Orientais

1. Júpiter Municipal

Praça de Camões, Chaves, 1972; ARC 4

2. Júpiter

Margem esquerda do rio Tâmega, 150m a N. da ponte romana, ante 1943; ARC 20

3. Vénus

Travessa da Farmácia, Chaves, 1929; ARC 80

4. Concórdia dos munícipes do Município Aquiflaviense

Quartel dos Caçadores, Chaves, 1935; ARC 84

5. Ninfas

Rua de Santa Maria / Rua da Alfândega Velha, Chaves; ARC 7 2



6. **Lares**
Granjinha, séc. XVIII; ARC 144
7. **Mãe dos Deuses**
Quartel dos Caçadores, Chaves, 1935; ARC 88
8. **Ísis**
Igreja de Outeiro Jusão, Samaiões, 1932; ARC 87

7.2. Estelas funerárias

1. **Flavia Duerta**
Bouçoais, Vilartão, Valpaços; ARC 238
2. **Camalus**
Pastoria, Chaves, séc. XVIII; ARC 237
3. **Rubodia**
Rua da Trindade, Chaves, 1996
4. **Reburrus**
Quartel dos Caçadores, Chaves, 1935; ARC 236
5. **Senecianus**
Segirei, Chaves, ante 1943; ARC 241

8. Marcos miliários e de divisão territorial

- 8.1. Marco de divisão territorial entre os Praen (1/4) e os Coroq (1/4)
Outeiro Jusão, Samaiões, Chaves, ante 1943; ARC 614
- 8.2. Marcos Miliários da via XVII de Bracara Augusta a Asturica Augusta
 - 8.2.1. Tibério (Ano 32). Milha 59 desde Bracara Augusta
Alto da Serra do Pindo, Antigo de Arcos, Boticas; ARC 394
 - 8.2.2. Cláudio I (Ano 43). Milha 35 desde Bracara Augusta
Venda Nova, Montalegre; ARC 396
 - 8.2.3. Cláudio I (Ano 43?)
Cervos, Arcos, Boticas; ARC 398
 - 8.2.4. Trajano. Milha 5 desde Aquae Flaviae
Pastoria, Chaves; ARC 401
 - 8.2.5. Sem identificação. Milha 42
Vilarinho dos Padrões, Montalegre; ARC 431



9. O FIM DO DOMÍNIO ROMANO SEGUNDO

Aquae Flaviae notabilizou-se ainda como centro religioso e sede de bispado cristão no termo do império romano. Teve como bispo Idácio, o Límico, que se celebrou pelos seus escritos sobre o conturbado período histórico que viveu. No seu Chronicon, Idácio, bispo de Chaves desde 427 d.C. narra as invasões suevas do noroeste peninsular. Foi feito prisioneiro por Frumário, rei bárbaro que arrasou a cidade Flaviense. Apesar de ser libertado e voltar à sua igreja, que ficara muito danificada, não pôde evitar que o seu templo fosse demolido pelos visigodos.

HYDATII GALLAECIAE EPISCOPI CHRONICON

...Hydatius servus Iesu Christi Dei et Domini Nostri, quae secuntur ab anno primo Theodosii Augusti...

201. Pars Gothici exercitus, a Suerico et Nepotiano comitibus ad Gallaeciam directa, Suevos apud Lucum depraedatur habitantesque Dictyni...

Ac mox...Frumarius, cum manu Suevorum quam habebat, impulsus, capto Hyadtio episcopo VII kal. Aug. In Aquae Flaviensi ecclesia, eundem conventum grandi evertit excidio.

207. Hydatius, tribus mensibus captivitate impletis, mense Novembri, miserantis, Dei gratia conta votum et ordinationem supra dictorum delatorum, redit ad Flaviae.

CRONICÃO DE IDÁCIO, BISPO DA GALÉCIA

..Eu, Idácio, servo de Jesus Cristo, Nosso Deus e Senhor, vou narrar-vos os acontecimentos que tiveram lugar a partir do primeiro ano de Teodósio Augusto...

201. Uma parte do exército dos Godos (Visigodos), enviado à Galécia pelos seus chefes Suerico e Nepociano, pilha dos Suevos perto de Lugo e os habitantes de Dictynium...

Pouco depois... Frumário, com as suas tropas suevas, depois de Ter capturado o bispo Idácio na sua igreja de Aquae Flaviae, saqueia o conventus (bracaraugustano), no sétimo dia das kalendas de Agosto (26 de Julho de 460).

207. Pela graça de Deus e contrariamente aos desejos e às ordens dos seus delatores, Idácio, depois de três meses de miserável cativo, regressou a Flaviae (Chaves), no mês de Novembro.

10. COLUNA ROMANA

Base e elementos de fuste
Chaves



INFORMAÇÃO

REDE DE MUSEUS MUNICIPAIS

REGIME DE ENTRADAS:

ENTRADA GERAL	1,00 €
---------------	--------

ENTRADAS BONIFICADAS	
MAIS DE 65 ANOS	0,50€
CARTÃO JOVEM	
ESTUDANTES	
12 AOS 18 ANOS	

Isenções:

Crianças até 12 anos;
Professores e alunos integrados em visitas de estudo;
Investigadores, jornalistas e profissionais de turismo
(devidamente credenciados).

Marcação de visitas

Tel 276 340 500

Fax 276 322 535

município@cm-chaves.pt

Marque a visita com pelo menos 7 dias de antecedência.

Grupos de crianças deverão fazer-se acompanhar por um adulto por cada 15 crianças.

ABREVIATURAS

MRF

Museu da Região Flaviense

SOJ

Susana Oliveira Jorge

22

23

GLOSSÁRIO

ANFIBOLITO - PETROLOGIA rocha metamórfica de cor esverdeada, escura, formada essencialmente por anfíbola (hornblenda), associada a plagioclase intermédia.

ÂNFORA - Vaso grande de duas asas para líquidos.

ARA - Altar gentílico onde se faziam os sacrifícios.

ASSE - Moeda de cobre, base do sistema monetário romano, desde Pompeu até Galieno. Sofreu continuas alterações de peso, mas durante o resto do Império Romano permanece com um peso de aproximadamente 13 g. Equivalia a 2 semis.

BALSAMÁRIO - Vaso onde os antigos romanos conservavam os perfumes.

CALCOLÍTICO - (Idade do Cobre) Diz-se do período pré-histórico em que se fez uso concomitante do cobre e da pedra.

CORNEANA - PETROLOGIA rocha de metamorfismo de contacto, compacta, dura, não orientada, de aspecto córneo quando fracturada.

EFEBO - Rapaz na puberdade; adolescente.

EPIGRAFIA - Ciência ou estudo das inscrições antigas, em pedra, madeira, etc.

ESTÁTUA- ESTELA - Coluna monolítica destinada a ter inscrição.

FALERA - Colar de ouro e prata usado por patrícios e guerreiros romanos.

FÍBULAS - Espécie de broche com que os Romanos e os Gregos prendiam as vestes.

FITOMORFICA - Fitomorfismo, teoria acerca das formas e dos órgãos das Plantas.

ÍSIS - Grande deusa da fertilidade e da maternidade, Ísis foi particularmente cultuada no isolado e invulgar complexo de templos da ilha de Filas. A deusa da magia representava o ideal de mulher, esposa e mãe dedicadas, e o seu culto disseminou-se, partindo da Alexandria, até ao mundo helenístico. O culto tripartido de Ísis, Hórus e Osiris foi, introduzido em Roma, em 86 d. C., durante o consulado de Lúcio Cornélio Sulla e tornou-se num dos mais populares ramos da religião romana.

JÚPITER - MITOLOGIA pai dos deuses, segundo a mitologia romana, equivalente a Zeus na mitologia grega. Personagem da mitologia clássica, era filho de Saturno e de Reia.

LARES - Deuses protectores do lar e da família, entre os antigos Romanos.

LUCERNA - Lanterna; candeia.

MILIÁRIO - Referente a milha. Que serve para marcar distâncias itinerárias.

NEOLÍTICO - Idade da pedra polida. Fase do desenvolvimento da Humanidade caracterizada pela utilização da técnica da pedra polida e por profundas transformações económicas nas sociedades (agricultura, pastorícia, novas indústrias), e que antecedeu a Idade dos Metais.

NINFAS - MITOLOGIA divindade secundária feminina da mitologia grega, que presidia aos rios, fontes, bosques, montanhas, etc.

QUARTZO HIALINO - QUARTZO transparente como o vidro.

SÍLEX - MINERALOGIA variedade criptocristalina do quartzo, também conhecida por pederneira, sílice, etc.

TERRACOTA - Produto de cerâmica ou de escultura que foi cozido no forno.

VÊNUS - Segundo a mitologia romana, é a deusa da formosura e do amor. Na mitologia grega corresponde a Afrodite. Vénus era filha do Céu e da Terra. Também se diz que era filha do Mar e que Saturno preparou o seu nascimento, formando-a da espuma das águas. E há ainda quem afirme que era filha de Júpiter e da ninfa Dione, sua concubina.

XISTO - PETROLOGIA rocha metamórfica caracterizada por apresentar xistosidade, como as lousas e ardósias.